

# O artista Eric Fok recomeçou em Vendas Novas quando em Macau se deixou de sorrir

written by O Cidadão | 28 de Outubro, 2024



Eric Fok até admite ter um fraquinho pelo norte português, mas **Vendas Novas**, no Alentejo, ficou em primeiro lugar entre as áreas permitidas pela política portuguesa do visto 'gold'. Aí, comprou uma moradia e mudou-se com a mulher em junho deste ano.

Do estúdio improvisado onde trabalha por estes dias, no centro da cidade, Fok aponta na direção da varanda: logo ali, a poucos metros, está um outro edifício, com as tradicionais gaiolas metálicas fixas nas janelas, a esconder estendais de roupa e a bloquear a luz de fim de tarde.

Não foi só a ideia de ter mais espaço e uma vida sossegada, com manhãs passadas no jardim e uma chávena de café na mão, que levou o artista a trocar Macau – com cerca de 33 quilómetros quadrados de área e uma das cidades com maior

densidade populacional do mundo – por Vendas Novas.

Aos 34 anos, quando Eric Fok quis partir, Portugal fazia todo o sentido, por razões históricas e de trabalho, pelo **“sentimento de proximidade”**. E outros países europeus não conhecem esta pequena região do sul da China, assume.

**“Espero também que os meus trabalhos cheguem a outros lugares, como a Europa, sejam conhecidos por mais pessoas e se aproximem do âmbito da minha criação”**, diz.

Fok, formado em Artes Visuais pelo então Instituto Politécnico de Macau (hoje Universidade Politécnica de Macau) e com mestrado em Belas Artes concluído na Universidade Nacional de Taiwan, é uma espécie de artista-cartógrafo.

Foi ainda enquanto percorria os corredores do ensino superior, e já na era dos telemóveis inteligentes e das imagens de satélite, que o artista começou a reinterpretar a antiquíssima arte de traçar mapas.

Neles, alia tempos diferentes, coloca caravelas e navios de cruzeiro a navegar as mesmas águas e fá-lo num trabalho de extremo detalhe, com caneta técnica preta e uma tela sépia, cor que se aproxima da de antigos documentos e que obtém ao juntar tinta acrílica e chá.

O início da carreira de Fok apanhou Macau entre **“mudanças velozes”**, após a transição do território para a China e a liberalização do setor do jogo, que contribuíram para o rápido crescimento da economia local.

Fok pegou nessa nova cidade e explorou-a. Num dos quadros, pintado há cerca de dez anos, abordou a construção da primeira linha de metro do território, **“com constantes atrasos e derrapagens”**. Passou para o papel **“as fundações do metro, como se de antigas ruínas greco-romanas se tratassem”**.

Depois, este ávido consumidor de História quis saber de outros

mundos. Seguiu-se a **“era das descobertas geográficas, incluindo a globalização, bem como o colonialismo, e nos tempos modernos, os efeitos da Guerra Fria, as ondas de imigração”**, recorda.

**“O meu estudo centrou-se no início numa pequena cidade, depois estendeu-se lentamente a outras cidades, às relações sociais e internacionais”**, nota o artista, que também diversificou os materiais de trabalho, usando, entre outros, madeiras, mobílias antigas e azulejos portugueses.

Mais recentemente, traçou guerras no mapa, motivado pelos conflitos atuais e imagens de crianças deslocadas. **“As histórias de pessoas mais vulneráveis, as histórias tristes são necessárias, para que mais pessoas se preocupem”**, defende.

No entanto, diz que, recentemente, tem sentido por parte do público de Macau falta de entusiasmo pelo trabalho que faz, onde **“parece não haver espaço para discussão”**.

**“Deixou de se saber sorrir. E porque é que não gosto de falar muito sobre os temas que desenvolvo? Porque a sociedade não quer saber a verdade, não quer tocar na verdade”**, constata, refletindo também que, após um início de carreira com muito trabalho, está a passar por uma fase **“com menos inspiração em termos de criação”**.

Questionado sobre se o ambiente político está a influenciar o trabalho que desenvolve, Eric Fok diz que **“o impacto é enorme”**.

Eric Fok conta com perto de 20 exposições individuais, várias dezenas de participações em mostras coletivas, além de ter assinado obras em diversas coleções, em Macau, incluindo em dois hotéis-casinos, Hong Kong e Portugal (Museu do Oriente), e em coleções privadas um pouco por todo o mundo.

Nos últimos anos, ecos das mudanças políticas em Hong Kong, em resposta às manifestações pró-democracia, também chegaram a

Macau, onde o discurso sobre o reforço do patriotismo e do amor à pátria está presente em praticamente todos os setores da sociedade.

A deterioração das liberdades no território tem sido abordada por várias instituições, incluindo União Europeia e Nações Unidas, que expressaram preocupação com decisões como a proibição da vigília pelas vítimas do massacre de Tiananmen e a desqualificação de candidatos pró-democracia às eleições legislativas. Críticas repudiadas pelo Governo local.

OC/AJS/Lusa